

UM PINTOR QUE MORREU

RUBEM BRAGA

Esta notícia deixará os jovens indiferentes ("quem foi?") e muitos dos mais velhos espantados ("ainda era vivo?"): morreu Gastão Worms. Não era, entretanto, nenhum macróbio: tinha, em dezembro último, 62 anos, quando expirou em um apartamentinho de Copacabana. Contam-me que sua irmã passou a noite inteira a velar-lhe o corpo sozinha, procurando em vão, entre seus papéis, o endereço de algum amigo. Teve, no dia seguinte, a idéia de telefonar para Carlos Scliar, pois se lembrou de que Worms falara dêle com estima e admiração. Scliar estava ausente do Rio naquele dia.

A notícia me comoveu porque eu andava há cerca de um ano procurando Gastão Worms. Ninguém me dava notícia de seu paradeiro; Rodrigo M. F. de Andrade tentou arrumar seu endereço e não conseguiu; disse-me que sabia que êle vivia de dar aulas de francês. Há muito pouco tempo Scliar me contou que Worms fôra ao seu edificio e dera ao porteiro, para lhe entregar, um retrato a óleo que há muitos anos fizera dêle, Scliar: mas não quisera sequer subir até o apartamento. Scliar encontrara-o casualmente na rua, dissera-lhe que eu o andava procurando, queria organizar uma exposição sua; e que êle próprio tinha interêsse em ver seus quadros; mas Worms desconversou. Procurara-o, batera à porta de seu apartamento, ninguém viera atender; mudara de endereço? Worms confessou que não; apenas não gostava muito de abrir a porta quando alguém batia...

Quanto a mim, fui há cerca de um mês ao seu edificio, mas o porteiro e dois condôminos me disseram que êle não morava ali. "Pintor, professor de francês? Não, aqui não mora ninguém assim". Morava.

Tudo isso é estranho, mas, quer dizer pelo menos que ninguém pode ter remorso da solidão em que morreu Worms: êle mesmo a construiu e a defendeu, sei lá por-

que. Conheci-o pouco: mas desde 1933 ou 1934, quando pela primeira vez vi um quadro seu, em algum salão de São Paulo, guardei um encanto fiel pela sua pintura. É por isso que eu o procurava: no momento em que jovens novidadeiros (infelizmente quase sempre de "novidades" importadas dos Estados Unidos ou da Europa) fazem tanta badalação eu sentia saudade de sua honesta e boa pintura a óleo, de suas figuras suaves de mulher que a luz vinda de uma janela envolvia de beleza e sonho.

Gastão Worms, que apareceu alguns anos depois da Semana de Arte Moderna em São Paulo, pegou tôda a longa fase economicamente ruim da pintura moderna no Brasil e certamente nunca fez muito dinheiro com seus quadros; mas tinha qualidades indiscutíveis de pintor, e estou certo de que os colecionadores de bom gosto veriam com encanto o seu reaparecimento, agora que já existe um certo mercado de arte.

Contei a alguns amigos, pintores, "marchands" ou críticos, minha intenção de trazer à tona Gastão Worms, e todos mostraram o maior interêsse pela tentativa. Ela falhou; não sei se conseguiria animá-lo se o tivesse encontrado, e desconfio que não. Na primeira Bienal de São Paulo, em 1951, havia um quadro seu; não me lembro de haver esbarrado com mais nenhum daí para cá.

Esta nota visa apenas a que não passe em completo silêncio a sua morte, que talvez ainda seja desconhecida de outros que podem falar melhor dêle, como Quirino, Paulo Mendes de Almeida ou Flávio de Aquino. Era um bom pintor e um artista sensível e discreto; nunca tivemos, nem temos, muitos assim; não somos tão ricos que não precisamos lamentar a morte de um Gastão Worms.

DN - 6. 1. 68